

* * *

GONÇALVES (Oliveira Leite). — *Cristo e a Contestação Política — Relacionamento de Cristo com o partido Zelota*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis 1974, 183 páginas.

O autor diz que "a causa mais importante da ruína e destruição de Israel foi o movimento de resistência dos zelotas, revolucionários idealistas e fanáticos que, embebidos do ideal religioso e político da soberania de Israel, levaram o povo a se insurgir contra o poderio de Roma, a qual esmagou impiedosamente a luta pela independência dos judeus, destruiu Jerusalem, incendiou o Templo e dispersou os judeus pelo mundo" (pg. 9).

"O Cristianismo também, que nasceu do ambiente judaico-palestino, realizou uma diáspora (voluntária) pelas nações, ultrapassando os limites do povo judeu e se estendendo por todos os povos, sem exceção de países e nem de raças. Assim, ele se difunde pelo mundo como uma das forças que passaram a transformá-lo.

Cristianismo e movimento zelota são, pois, duas forças que surgem simultaneamente no seio do mesmo povo. Jesus nasce contemporaneamente com o aparecimento de Judas, o Galileu e Sadoc, líderes de um movimento de libertação, que concitavam o povo para um levante, no ano 6 d.C." (pg. 9).

Quando Jesus passou a propagar sua doutrina entre os seus, o movimento já estava em atividade por três décadas. Portanto Jesus prega e convive com uma população que conhecia os ideais dos zelotas. Autores afirmam que Jesus foi um zelota, outros entretanto que era chefe de um movimento para-

zelota, pois o Cristianismo e zelotismo eram movimentos afins no seu início e outros que eram movimentos contrários entre si.

O objetivo da obra é ver o "tipo de relação que existiu entre Jesus e o movimento de libertação do seu tempo" (pg. 10).

A obra de Flavius Josephus foi a obra básica citada a fim de retratar o ambiente da Palestina na Antiguidade em relação ao zelotismo, apesar do autor, filo-romano, considerar os zelotas como revoltosos de má índole, cuja acusação Oliveira Leite Gonçalves refuta. Buscando outras fontes religiosas e laicas, vai contra Flavius Josephus, bem como dá interpretações as mesmas.

Dando uma visão política da Palestina, onde o descontentamento contra o dominador romano era grande, o autor nos apresenta a origem dos grupos políticos religiosos, todos ligados com o Templo de Jerusalem.

No período helenístico, na época da reação dos macabeus, surgiram os "homens piedosos" (*Hassidim*) "(que depois passam a chamar-se de "separados" (*Perushim*) e que por este motivo começam a ser conhecidos como fariseus; rompem com os macabeus por discordarem do fato de os mesmos assumirem funções que entre o povo judeu eram tradicionalmente separadas; sacerdócio e realza (A. 13, 10, 5)" (pg. 43).

Os saduceus, cuja origem de nome é controvertida, "são recrutados essencialmente entre a classe sacerdotal, sem se confundirem com os sacerdotes, pois havia leigos de classes ricas também. Sua influência, no início da nossa era, não ultrapassava as fronteiras do templo. Eram soberbos, ativos, vivendo distantes do povo, sem nenhuma influência sobre ele" (pg. 45).

"No ambiente judaico, representam os conservadores, os partidários do *statu quo*, tanto em matéria política, quanto em matéria religiosa" (pg. 43), portanto acomodados com a dominação romana.

Essênios, cuja origem "deu margem a grandes discussões entre os especialistas" (pg. 47), viviam na região do Mar Morto com aspecto de vida monástica. São opositores "aos sacerdotes do Templo de Jerusalem, que, para os essênios, eram aberrações do culto verdadeiro bem como do puro e legítimo sacerdócio sadocita" (pg. 48). Politicamente eram contrários ao domínio romano.

Zelotas "eram homens de têmpera de aço. Movidos por ideais religiosos, marcaram profundamente a vida política de Israel, de forma tal, que foram o verdadeiro motivo da derrocada sofrida então por Israel na luta contra os romanos, onde foram os verdadeiros vencidos. O último lampejo do zelotismo de que temos conhecimento foi a rebelião frustrada de Barkochva, em 135 d.C. sob o império de Adriano" (pg. 50).

Oliveira Leite Gonçalves apresenta a conjuntura sócio-econômica da Galiléia, por ser a região onde viveu Jesus e floresceram os movimentos de libertação, (pg. 53/6). Apresenta-nos depois a conjuntura religiosa da Palestina (pg. 57/74) onde há o messianismo que tem uma importância vital para o movimento zelota. Procura também a origem do termo, bem como

suas implicações, seus ideais e seus modelos que, combativos contra os adoradores dos falsos deuses, serviam-lhes de estímulo em sua luta. Os zelotas esperavam ardentemente a vinda de um reino messiânico, de um Libertador que expulsasse o estrangeiro e restabelecesse o Reino de Israel. Repudiando o domínio estrangeiro de Roma e com suas esperanças messiânicas, impunham-se entre o povo, que também estava descontente com o dominador. A *Pax Romana*: somente com a força, conseguia se impor na Palestina.

Jesus, segundo o autor, possuía muito das características dos zelotas, devido ao seu messianismo, se bem que Seu Reino não fosse deste mundo, no que Ele insistia; sua atração pelo deserto, seus atos, suas palavras, sua linguagem e suas atitudes. A vida pública de Jesus é marcada por zelotismo, pois Ele é também galileu e a Galiléia é o foco dos zelotas.

Para as autoridades, os zelotas são terroristas que agem com seus punhais, encobertos debaixo das roupas, no meio das multidões e que lutam contra Roma.

Descreve o autor a vida pública de Jesus, seu processo, julgamento e condenação, relacionando os fatos com o zelotismo. Barrabás, para o autor não era um ladrão, mas pode ser um dos muitos rebeldes que abundavam na época.

O messianismo entre a multidão, trabalhada pelos zelotas, e o messianismo de Jesus eram diferentes: "o messianismo guerreiro e político e o messianismo do Filho do Homem, cujo "Reino não é deste mundo (Jo. 18, 36)" (pg. 168).

Entre romanos e zelotas também há confrontos "o romano, cujo apoio principal era o poder dos exércitos e cuja finalidade era o domínio do mundo, numa busca de auto-afirmação de que nenhuma nação era mais poderosa do que o Império de Roma. E assim sendo, todos os povos deviam aceitar sua supremacia, sujeitar-se e prestar-lhe absoluta vassalagem. De outro lado, estava o idealismo zelota, cujo ponto de apoio mais importante era a fé no poder supremo de Javé, seu único Deus e Senhor. A verdadeira decisão do conflito, conforme a crença arraigada dos zelotas, seria feita por Deus, através do Messias, seu enviado especial. A esperança deles, portanto, não repousava sobre o poder das armas, conforme acontecia com os romanos; repousava, sim, na ação miraculosa de Deus" (pg. 169).

Jesus desilude aos zelotas, pois o seu fim foi a crucificação, tipo de morte reservada aos escravos. Não tomou parte na disputa, pois "o reino que ele anunciava é um reino para o qual todos os povos estão chamados". (pg. 169). "Assim sendo, sua preocupação não era com a sorte dos judeus e do estado judeu mas com a humanidade". (pg. 170).

Concluindo, Jesus não foi um zelota, conforme afirma o próprio autor, não formou um novo partido. Seus seguidores tinham por objetivo anunciar que "O Reino dos céus está às portas". "Não se trata de um programa para ação humana, mas da proclamação de um ato de Deus" (pg. 171).

LINCOLN ETCHEBEHERE Jr.